



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

FRAGMENTOS DA MEMÓRIA EDUCACIONAL DE SÃO GONÇALO: VISITANDO O COTIDIANO DA ESCOLA PRIMÁRIA PARAIBANA DOS ANOS 1950

Cristiane Souza de Menezes
krisme_7@hotmail.com
(UFPB)

Resumo

A dimensão da cotidianidade vem ganhando espaço no campo da pesquisa histórica como resultado das renovações conceituais e metodológicas da História ocorridas ao longo do século XX, iniciado pela Escola dos Annales, que conduziram a uma verdadeira guinada no trabalho historiográfico, levando ao surgimento do que se convencionou chamar de Nova História. Este movimento nas últimas décadas tem influenciado a História da Educação, tanto no Brasil como em outros países, conduzindo à seleção de novos objetos e de novas abordagens para o estudo dos mesmos. Assim, tem crescido o interesse dos pesquisadores pelas práticas escolares cotidianas. Este texto tem por objetivo analisar o cotidiano de uma escola pública primária existente no distrito de São Gonçalo – Sousa (Paraíba) na década de 1950, destacando as etapas e os recursos didáticos do processo de alfabetização, as práticas disciplinares e de punição e as relações estabelecidas entre alunos e professoras. A Escola Municipal São Gonçalo-Sousa-PB, objeto de estudo deste trabalho, foi fundada na década de 1940, sendo instalada em um imóvel pertencente à Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCs). A instituição, que durante alguns anos foi a única escola pública do distrito, teve suas atividades encerradas nos anos 1960. Fundamentado na abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural, o trabalho busca compreender a dinâmica escolar no final da década de 1950, mais especificamente nos anos de 1957 e 1958, concedendo a palavra a quem tradicionalmente foi silenciado. Nesse sentido o método da pesquisa é a história oral, pois esta ao resgatar as memórias da vida cotidiana e as opiniões dos sujeitos sobre o seu próprio passado permite que se constitua uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem. As fontes utilizadas foram os depoimentos orais (concedidos em duas sessões de entrevista semi-estruturada) de um ex-aluno da instituição. Os resultados encontrados permitiram perceber como diferentes atores cotidianamente vivenciaram numa mesma configuração histórica e social as relações de poder, as experiências de aprendizagem da leitura e a dinâmica de inclusão/permanência/exclusão na escola primária no distrito de São Gonçalo. Permitindo entrever no interior da escola resistências nas práticas das professoras às inovações veiculadas nos debates e discursos dos intelectuais da educação no campo da disciplina e no da alfabetização. Revelam, assim, elementos que podem contribuir para uma melhor compreensão não apenas de um passado da educação na Paraíba, mas também do presente, na medida em que apontam para as permanências e mudanças concretizadas no interior da escola.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. História Oral. Memórias.

Introdução

As renovações conceituais e metodológicas pelas quais tem passado a História da Educação nas últimas décadas, com a seleção de novos objetos e de novas abordagens para o estudo dos mesmos, têm contribuído para um maior interesse dos pesquisadores pelas práticas escolares cotidianas.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Segundo Lopes e Galvão (2001, p. 52),

Os historiadores da educação têm, cada vez mais, considerado que, para se entenderem os processos de ensino nas diferentes épocas, não basta investigar como a organização da escola foi-se transformando ao longo do tempo – baseando-se para isso nas leis, reformas, regulamentos, programas etc. Nem é suficiente apenas estudar o que pensavam e o que propunham educadores ilustres ou escrever em muitos casos uma história dos projetos, ou seja, uma história do que deveria ter sido. Os historiadores têm considerado que é preciso também tentar penetrar no dia-a-dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor(a) / aluno(a) e aluno(a) / aluno(a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e de punições...

Isabel Galvão (2004) destaca que o cotidiano escolar é o conjunto de práticas, relações e situações que efetivamente ocorrem no dia-a-dia de uma instituição de educação. São episódios rotineiros e triviais que, ignorando por vezes os planejamentos, constituem a substância na qual se inserem crianças ou jovens (e adultos) em processo de formação. Ainda de acordo com a autora, é

[...] na vida cotidiana que atuam os profissionais e que se dão as interações entre os diversos atores que participam direta ou indiretamente do processo de educação. O estudo do cotidiano busca compreender como se dão as práticas e as relações no dia-a-dia da escola [...] (GALVÃO, 2004, p. 28).

Nesse sentido, este trabalho, fundamentado nos pressupostos da Nova História Cultural, tem o objetivo de analisar o cotidiano de uma escola pública primária existente no distrito de São Gonçalo – Sousa (Paraíba) no final da década de 1950, destacando as etapas e os recursos didáticos do processo de alfabetização, as práticas disciplinares e de punição e as relações estabelecidas entre alunos e professoras, buscando compreender a dinâmica escolar no período em estudo a partir da metodologia da história oral.

De acordo com Thompson (1992), a história oral tem o mérito de permitir tratar de assuntos que de outro modo se mostrariam impenetráveis, revelando a realidade mais trivial e confusa, como também posições divergentes entre as pessoas comuns.

Além disso, é através das lembranças e dos testemunhos orais que são revelados os conflitos, as práticas culturais, as experiências, as lutas diárias, a própria visão que os sujeitos têm sobre suas vidas e sobre o mundo que os rodeia, pois

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira* (THOMPSON, 1992, p. 137).

As fontes utilizadas foram os depoimentos (concedidos em duas sessões de entrevista semi-estruturada) de um ex-aluno da instituição. Antônio¹ cursou, respectivamente nos anos de 1957 e 1958, o 1º e o 2º ano do curso primário. A partir das suas reminiscências pessoais buscamos estudar a internalidade desse estabelecimento de ensino hoje extinto, ou seja, o modo como o cotidiano era vivenciado por alunos e professores (STEPHANOU E BASTOS, 2005) e a interação desses sujeitos com os outros atores que direta ou indiretamente também participavam do dia-a-dia da escola.

No entanto, antes de nos determos nos aspectos do cotidiano escolar, foco deste trabalho, gostaríamos de trazer, a partir das memórias do processo de escolarização de Antônio, alguns elementos mais gerais da história da educação do distrito de São Gonçalo, município de Sousa, Paraíba.

Contudo, cientes de que vários elementos influenciam e interferem na memória e que esta é não-linear, mutante, resultado de uma contínua negociação, não nos propomos a apresentar um “retrato” do passado, mas sim recuperar o “vivido conforme concebido por quem viveu [considerando que] o passado só ‘retorna’ através de trabalhos de síntese da memória: só é possível recuperar o vivido pelo viés do concebido” (ALBERTI, 2004, p. 16).

Embora não tenha sido possível identificar de modo preciso o ano do início e também do término das atividades da Escola Municipal São Gonçalo – Sousa – PB, primeira escola pública primária do Distrito de São Gonçalo, município de Sousa, Sertão da Paraíba, pelo fato da Secretaria Municipal de Educação não dispor de registros das instituições escolares em funcionamento no período em estudo, obtivemos junto ao DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) do perímetro irrigado de São Gonçalo, informações a respeito desse estabelecimento de ensino.

¹ Nome fictício usado para garantir o anonimato do aluno.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A década de 1940 é apontada como a do início das atividades do então Grupo Escolar São Gonçalo² que, segundo Antônio, posteriormente recebeu o nome de Escola Municipal São Gonçalo – Sousa – PB. A instituição foi instalada em um imóvel pertencente à Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), hoje Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), no citado distrito, sendo durante muitos anos a única escola pública do distrito, como nos atesta Antônio:

[A escola funcionava] só pela manhã e a tarde. Só tinha essa, que era do DNOCS. Do São Gonçalo só tinha essa. Depois acabaram com ela, fizeram tipo um ginásio pra o estudo mais alto. [...] Era quatro classes. [...] Só primário mesmo, a 4ª série. [...] Era Escola Municipal São Gonçalo, aí tinha: Sousa – PB. Que era o nome da cidade de Sousa. São Gonçalo era distrito de Sousa. [...] Ela fechou para fazer o ginásio. [...] Aí já fizeram o clube de dança onde era a escola municipal.

Acreditamos que a ausência no período em questão de outros estabelecimentos públicos de ensino no distrito foi um dos fatores que contribuiu para o ingresso de Antônio e o de outras crianças no ensino primário numa faixa etária que podemos considerar elevada.

Comecei a estudar com 11 anos. Porque antigamente os filhos só estudavam a partir de dez anos. No meu tempo era. Não estudava novinho com cinco anos, não. Era pra com dez tá na escola. Só aos dez. Era assim. No meu tempo era assim (ANTÔNIO).

Inclusive, para algumas das crianças de São Gonçalo a inserção na escola só ocorria após terem sido alfabetizadas e recebido alguma instrução na própria casa.

Os meninos novos, não estudavam não. Estudava só se fosse na casa dos pais. Mas se fosse na escola mesmo... Só a partir de nove, dez anos.

É possível perceber que a casa ocupava um importante espaço na instrução das crianças também no seguinte trecho:

Minha irmã estudou um ano ou dois. Ela aprendeu mesmo a ler só, em casa mesmo. Que ela gostava muito de ler [e] ensinar o povo a fazer dever. [...] Ela não fez série, ela sabe desenvolver até o 4ª ano, né? Ela ficou mais que um ano ou dois anos na escola, não. Que antigamente as coisas eram difíceis, era longe o colégio da casa das pessoas. [...] Estudou pouquinho, mas ela estudava muito em casa. Ensinava o povo a fazer dever e tudo (ANTÔNIO).

² Segundo apuramos junto ao DNOCS e a pessoas que residiam em São Gonçalo na década de 1940, a escola inicialmente foi chamada de Grupo 4S, tendo em seguida recebido o nome de Grupo Escolar São Gonçalo (nome com o qual ficou mais conhecida). O prédio onde funcionava passou a abrigar na década de 1960 o clube de dança Ceres Club de São Gonçalo e hoje é uma residência.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Ao tratar dos documentos biográficos, dentre eles as memórias, Pais (2003) enfatiza que o sistema social “manifesta-se sempre na vida individual, de tal forma que pode ser apreendido a partir da especificidade das práticas individuais. Neste sentido, ao recordar o processo de escolarização de sua irmã e de outras crianças, Antônio revela que para alguns moradores de São Gonçalo, frente às dificuldades de ingressar e de permanecer na escola, um caminho encontrado para dar prosseguimento aos estudos era o do autodidatismo. Essas pessoas, a exemplo de sua irmã, algumas vezes chegavam a auxiliar na instrução de outras.

Os depoimentos revelam também um cotidiano de dificuldades que a população pobre enfrentava para se escolarizar, tanto devido à distância percorrida da residência até a escola, quanto pelas precárias condições sócio-econômicas que por vezes levava a inserção precoce no mercado de trabalho e conseqüente abandono dos estudos:

[A escola] representava tudo na minha vida. Eu tinha interesse de aprender, e era muito inteligente, né? Mas, eu tinha que trabalhar pra ajudar a minha mãe. Fui criado sem pai. Antigamente as viúvas não se aposentavam, não. Se o marido morresse, [...] tinha que trabalhar pra criar os filhos ou tinha que casar pra amparar seus filhos. Mas minha mãe não quis casar. [...] Em 58, eu tinha 12 anos quando deixei de estudar (ANTÔNIO).

Filho de pobre pra se formar dava trabalho. Os pais não tinham condição, não. Tudo era difícil. Não é como agora, que tem muita escola. [...] Da minha casa pro colégio que eu estudava dava uns três quilômetros. Dava uns 23, 20 minutos ou mais, até. Ou meia hora. É muito cansativo, né? Porque a gente, antigamente, os colégios não davam merenda. Porque se o filho não tivesse nada em casa, fosse criado pobre, trabalhava e estudava até meio dia com fome. Não tinha essa palavra “merenda” na escola, porque a escola não dava merenda. Mas, agora é bom demais. A escola dá merenda, dá tudo (ANTÔNIO).

Ao trazer à memória fragmentos de sua infância, Antônio faz referência a tempos múltiplos, o ontem e o hoje, comparando as condições que eram oferecidas à população para sua permanência na escola durante a década 1950 e no presente, como a oferta desses estabelecimentos de ensino e a merenda escolar (ainda hoje única alimentação substancial para muitas crianças). Como destaca Delgado (2006, p. 9), “a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”, posto que as pessoas em diferentes conjunturas históricas constroem análises influenciadas pelo tempo no qual estão inseridas.





Fragmentos do cotidiano da escola primária pública do Distrito de São Gonçalo

No cotidiano escolar interagem diversos atores que participam de modo direto ou indireto do processo educativo, ou seja, não apenas os (as) alunos (as) e professores (as), mas também a direção da escola, os (as) demais funcionários (as), os pais e mães (GALVÃO, 2004). Assim, além das relações entre professoras, alunos (as) e a direção da escola, apresentaremos também o posicionamento dos pais e da comunidade de São Gonçalo sobre o que se dava no interior da escola, especialmente no que se refere às práticas disciplinares e punitivas.

Foucault (2006, p. 177) entende a disciplina como um tipo de poder, um modo de exercê-lo, que contém em si um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação dos quais a escola se serve para alcançar um determinado fim: o controle de corpos e mentes dos educandos, para a modelagem de indivíduos dóceis, passíveis de serem educados. Ou seja, o corpo é submetido por relações de poder e de saber.

Assim, a disciplina se manifestava no cotidiano da Escola Municipal São Gonçalo nos mínimos detalhes, como na distribuição espacial dos indivíduos e no controle das atividades e do corpo.

A gente não podia conversar com ninguém, não. Ficava os homens pra um lado e as mulheres pro outro. Tá entendendo? Separava, pra não ficar se movimentando, né? [...] Pra não dar muito “convercê”, [...] pra não perder o estudo. Porque a professora antigamente tinha ordem: “Você é daqui, você senta aqui, aqui é você, [...] você senta desse lado, você senta desse”. O “cabra” tinha que atender a professora, tinha que fazer o que a professora quisesse. Ninguém conversa em sala de aula não (ANTÔNIO).

A distribuição dos indivíduos no espaço, primeiro passo na disciplinarização, consiste em individualizar os corpos por uma localização como, por exemplo, na separação dos alunos por sexo. A marcação de lugares específicos para cada aluno permitia à professora uma vigilância mais geral e ao mesmo tempo mais individual, favorecendo, por exemplo, a percepção das ausências e a rápida localização de “focos de indisciplina”. Isso constitui o que o Foucault denomina de princípio da localização imediata ou do quadriculamento, que permite uma coerção sem folga visando não apenas aumentar suas habilidades ou sua sujeição, mas formar uma relação obediência/utilidade.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Ao afirmar que “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” Foucault (2006, p.120), está se referindo ao controle minucioso que é operado sobre o corpo. Percebe-se o controle do corpo dos alunos desde a imposição do que é ou não adequado vestir, com a obrigatoriedade do uso do fardamento, até a disposição dos mesmos em fileiras para atividades que lhes recordavam que além de subordinados à autoridade da professora, também estavam submetidos à pátria e a Deus. Além disso, a partir do presente, Antônio reflete sobre a relação professora-alunos(as) no passado e nas mudanças que hoje nela se operam:

Quando eu estudava lá em São Gonçalo, quando era criança e estudava, o “cabra” tinha de chegar, entrar naquela fila de aluno, fardado. Fosse sem farda!... Tudo fardadinho, entrava na fila, cantando o hino nacional... Hoje em dia ninguém faz isso aí. [...] Tinha que fazer isso todo dia. Às vezes tinha professora que botava o “cabra” pra rezar antes de começar a aula. Hoje em dia não existe isso mais não. Se a professora mandar, os “cabras” também não fazem, que o povo não teme mais a professora [...]. Antigamente o “cabra” tinha respeito com a professora, [...] como se fosse igual a sua mãe. Desse uma ordem, era ordem mesmo! (ANTÔNIO).

Outro aspecto destacado no cotidiano da escola refere-se às práticas punitivas, que aconteciam quando a disciplina não era suficiente para evitar os desvios. Assim, surge nos relatos o uso de castigos físicos, como a palmatória e o ficar de joelhos, embora esse tipo de punição já houvesse sido em décadas anteriores duramente combatido pelo ideário da Escola Nova.

Pinheiro (2002), ao tratar da expansão dos grupos escolares na Paraíba nas décadas de 1930 e de 1940 destaca que essas instituições foram um espaço privilegiado para a difusão dos ideais escolanovistas no estado, tomando parte de um movimento gerador de profundas mudanças na organização educacional escolar.

Uma das principais inovações enfatizadas entre os propagandistas da Escola Nova referia-se à disciplina escolar. A Escola Tradicional era constantemente relacionada ao uso da punição, de castigos aviltantes, e de uma pedagogia profundamente desinteressante e avessa aos interesses e necessidades dos alunos. Em contraposição a esse modelo, os defensores da Escola Nova se vangloriavam do uso da disciplina, de métodos de ensino interessantes e adequados às características dos alunos, de criar uma escola alegre, divertida e sem o uso de castigos e humilhações (SOUZA, 2003, p. 608).

Gostaríamos de lembrar que no Brasil a primeira lei de instrução pública de 1827 já proibía o uso de castigo físico, admitindo apenas o de cunho moral e que, segundo Ertzogue (1999), desde





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

o início do século XX os discursos dos educadores defendiam a abolição dos castigos corporais, considerados inadequados pela pedagogia moderna. No entanto, seu emprego foi mantido ao longo de várias décadas do século XX, como atesta as memórias de Antônio sobre a escola nos anos 1950. Nesse período gozava, inclusive, da aprovação e apoio dos pais e da sociedade. Esse posicionamento era corrente na configuração social e histórica na qual ocorreu, na medida em que o modelo de educação da época, herdeiro dos valores patriarcais, estabelecia relações autoritárias entre adultos e crianças, muitas vezes marcadas pela opressão e violência.

Antigamente tinha exemplo de professor. Professor botava de castigo e a gente não dizia nada. Quando tocava pelas orelhas, botava o menino de castigo, os pais davam apoio, não diziam nada, não. Hoje em dia, se o “cabra” for botar os meninos de castigo, capaz até de querer matar a professora, né? Mas, no meu tempo o professor colocava o “cabra” de joelho. E os pais mandavam: “dê castigo”. Lá no meu sertão mesmo, a gente tinha uma professora lá que era carrasca! O “cara” só aprendia... só aprendia a ler com ela mesma. Que ela exemplava mesmo. Botava o “cabra” de castigo, o “cabra” dava a lição mesmo. E o “cabra” aprendia mesmo. O cara tinha um medo dela que... Tinha aquele respeito que... Ave Maria! Tinha mais medo do que da mãe da pessoa (ANTÔNIO).

Se o “cabra” brigasse ia de castigo, ia pra palmatória. [...] a professora dava nos alunos. Se o “cabra” respondesse, pegava a palmatória e... dava dois bolos em você. E dava mesmo! E a mão inchava. O “cabra” levava uma dúzia de bolo, meia dúzia... O “cabra” apanhava! Não dizia nada. E a mãe ficava satisfeita: “Tá ótimo, faça isso. Exemple” (ANTÔNIO).

Foucault nos ajuda a compreender melhor o lugar ocupado pela punição na escola. Além de seu aspecto exemplar, que busca inibir o reaparecimento do comportamento indesejado, ela tem também a função de reduzir os desvios, tendo um caráter corretivo, pois a punição leva a criança a sentir a falta que cometeu. Além de adquirir um aspecto “pedagógico” ao controlar a inaptidão do aluno, a exemplo do dia do argumento (revisão da tabuada):

Argumento é assim: juntava duas pessoas na classe. Aí dizia: “dois mais dois?” Se acertasse, aí era pronto. Mas se um respondesse e o outro errasse, aí batia. [...] O dia do argumento era na sexta-feira. Tinha tabuada [...]. Era aluno com aluno, né? (ANTÔNIO)

Neste sentido, no cotidiano essas práticas disciplinares e punitivas marcavam também a relação dos alunos com o saber. No processo de alfabetização, segundo os depoimentos de Antônio, o aluno que não lograva êxito na aquisição das habilidades de leitura era visto como





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

alguém que **não queria aprender**, por isso precisava ser disciplinado (para se tornar dócil e produtivo) e, também, punido, quando o poder disciplinar não funcionava.

Nessa dinâmica foram construídas representações do que seria uma boa professora de acordo com os valores vigentes no contexto dos anos de 1950. Assim, surge a figura da professora-diretora austera, que era considerada a melhor mestra da escola por saber impor sua autoridade de modo rígido, punindo com rigor os inaptos e indisciplinados a ponto de o respeito por ela começar a se caracterizar pelo medo.

A valorização desse modelo de professora pela população de São Gonçalo se expressava na grande procura por seus serviços, a ponto de ser necessário que ela ministrasse aulas particulares no turno da tarde, usando as dependências da escola pública.

Quando o cara não queria aprender, aí: “vai estudar com Maria das Neves”, pronto. [...] Ela ensinava no grupo mesmo. Ela ensinava de manhã. De tarde ensinava [particular] no mesmo colégio. [...] Que o expediente dela era mais de manhã, sabe? Aí de tarde ela ensinava particular. Só ela mesma. **Que ela era procurada. Ensinava bem demais!** Pra ler, se o “cabra” não aprendesse com ela... ou aprendia ou... Ela botava de castigo! (ANTÔNIO, grifos nossos)

Como diretora, intervia, também, nos focos de indisciplina das outras classes e ocupava a posição mais elevada na hierarquia da escola, sendo responsável por ministrar as aulas nos últimos anos do ensino primário, considerados mais adiantados, o que denota a confiança que se tinha na sua capacidade.

[...] Quando os outros alunos fazia um malfeito nas outras classes, chamava ela pra resolver. [...] Era como se fosse uma ordem dela. Era professora e diretora. Ela ensinava e era diretora. [...] Todo mundo tinha medo dela. [...] os “cabras” ficavam tudo quietinho! (ANTÔNIO)

A mais adiantada era ela. Ela era professora e diretora. Cartilha do ABC era Bida, aí primeiro ano era Dona Vanilda, no segundo ano era Maria José, os outros só era Maria das Neves (ANTÔNIO).

No entanto o cotidiano da escola em São Gonçalo não era marcado apenas pelos aspectos disciplinares e punitivos. Nas entrevistas foram trazidas à tona outras lembranças sobre o processo de alfabetização, com destaque para os recursos didáticos utilizados para esse fim, ou seja, as cartas de ABC, cartilhas e os livros de leitura. Através do material utilizado para o ensino





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

da leitura e da escrita é possível levantar indícios sobre as práticas das professoras e dos métodos de alfabetização em torno dos quais se organizava a inserção das crianças na cultura escrita.

Aí, nesse tempo o “cabra” estudava a cartilha do ABC. Estudava a *Cartilha do Povo*. [...] De abc pra *Cartilha do Povo*. Aí, depois você ia pra aquele livro chamado *Primeiro Ano do Tio Emílio e Infância Brasileira*. [...] Tinha um primeiro ano desses, e tinha o segundo ano desses, do *Tio Emílio e Infância brasileira*. O “cabra” primeiro ensina a *Cartilha do Povo*, né? Que é cartilha. Que tem a carta de ler e a cartilha. [...] A primeira que era abc e o alfabeto. Aí, tinha de alfabeto e aí tinha a *Cartilha do Povo*, um pouquinho maior, porque tinha as histórias melhores, né? Isso no 1º ano. *Infância brasileira, Tio Emílio*. Ou um ou outro (ANTÔNIO).

Segundo Ana M^a Galvão (2001), um procedimento comum para a fixação das primeiras aprendizagens em relação à leitura era o uso de livros de leitura na seqüência das cartas do ABC. Assim, o processo de alfabetização na escola de São Gonçalo era iniciado com cartas do ABC e quando o aluno demonstrava ter decorado as letras do alfabeto, as sílabas e as lições ele passava a estudar a cartilha, no caso a *Cartilha do Povo: para ensinar a ler rapidamente*, de Lourenço Filho, que nas palavras de Antônio “tinha as histórias melhores”.

As cartas do ABC, largamente utilizadas nas escolas do país desde o século XIX até algumas décadas atrás, se baseavam em um dos mais tradicionais métodos de alfabetização fundamentado no princípio sintético³, o método alfabético (que toma cada letra como unidade de análise). Nesse sentido, na decodificação da palavra utilizava-se o processo de soletração, ou seja, o(a) aluno(a) aprendia a ler soletrando. Embora ao longo do século XX este método tenha recebido muitas críticas dos que defendiam os métodos analíticos, ou ainda os métodos mistos (analítico-sintético), sua utilização resistiu no interior de muitas escolas, como atesta as lembranças de Antônio.

Galvão (2001) destaca que cartas do ABC eram utilizadas tanto em processos formais como informais de ensino, sendo comum encontrar referências a sua utilização em processos autodidatas de alfabetização. Neste sentido, gostaríamos apenas de lembrar que Antônio fez algumas referências ao autodidatismo de sua irmã e de outros.

³ Os métodos sintéticos (alfabético, fônico e silábico) partem das unidades menores da língua, respectivamente as letras, os fonemas e as sílabas. Enquanto os métodos analíticos (palavração, sentencição e global) privilegiam a análise partindo das unidades maiores, ou seja, a palavra, a sentença e o texto para depois analisar as unidades menores.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Quanto à *Cartilha do Povo*, sua primeira edição data de 1928 e a última de 1994. Foi amplamente adotada e se baseava na idéia de que existiria um nível de maturidade para o aprendizado da leitura e da escrita que poderia ser medido. Neste sentido, segundo Mello (2006), na década de 1930 Lourenço Filho publica os Testes ABC cuja finalidade era medir esse nível de maturidade com o objetivo de atingir maior rapidez e eficiência na alfabetização. Desse modo, o método passava a ocupar um lugar secundário.

Nas séries seguintes, de acordo com Antônio, eram utilizadas as coleções de livros *Lições do Tio Emílio*, de Hildebrando de Lima, e *Infância Brasileira*, de Ariosto Espinheira, publicadas pela Companhia Editora Nacional e compostas respectivamente por cinco e quatro volumes para os diferentes estágios do aprendizado da leitura. A primeira coleção foi publicada entre o final da década de 1940 e a década de 1950 e a segunda, entre os anos de 1950 e 1960. Embora não tenhamos maiores informações sobre esses livros, na época predominavam os métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético e sintético-analítico).

Considerações finais

Os depoimentos aqui analisados trazem não apenas as memórias de uma experiência individual, mas, através dela, revelam como diferentes atores cotidianamente vivenciaram numa mesma configuração histórica e social as relações de poder, as experiências de aprendizagem da leitura, os valores e a dinâmica de inclusão/permanência/exclusão na escola no distrito de São Gonçalo. Inclusive, permitindo entrever no interior da escola as resistências nas práticas das professoras às inovações veiculadas nos debates e discursos dos intelectuais da educação no campo da disciplina e no da alfabetização. Revelam, assim, elementos que podem contribuir para uma melhor compreensão não apenas de um passado da educação na Paraíba, mas também do presente, na medida em que apontam para as permanências e mudanças que se concretizam no interior da instituição escolar.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136 p.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Silenciar os inocentes: medidas punitivas para a recuperação de menores em estabelecimentos disciplinares mantidos pelo Estado (1945-1964). In: **Revista Brasileira de História**. Vol.19, nº. 37, São Paulo: set. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2006. 262 p.

GALVÃO, Ana Maria. Processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetos no mundo da cultura escrita (1930-1950). In: **Revista Brasileira de Educação**, jan.-abr., nº. 16, São Paulo: ANPED, 2001. p. 81-94.

GALVÃO, Izabel. O estudo do cotidiano escolar. In: _____. **Cenas do cotidiano escolar**: conflitos sim, violência não. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 28-38.

LOPES, Eliane M.; GALVÃO, Ana M^a. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 120 p.

MELLO, Márcia C. de O. Escolanovismo e alfabetização na Revista de Educação (São Paulo: 1933-1943). CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2006, Goiânia. **Anais...** 2006. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-e-co-autorais-eixo03.htm>>. Acesso em: 20 maio 2008.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PINHEIRO, A. C. F. . **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. Campinas: Autores Associados, São Paulo: Universidade de São Francisco, 2002. 286 p.

SOUZA, Rita de cássia de. Punições e disciplina: introdução ao estudo da cultura escolar. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2. 2003, Uberlândia. **Anais...** p. 606-614.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, memória e história da educação. In: _____. e _____. (orgs.). **História e memória da educação no Brasil**, vol. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Fontes orais

ANTÔNIO: depoimento [nov. 2007]. Entrevistadora: Cristiane Souza de Menezes. João Pessoa: 2007. 1 cassete sonoro.

ANTÔNIO: depoimento [abr. 2008]. Entrevistadora: Cristiane Souza de Menezes. João Pessoa: 2008. 1 cassete sonoro.

